ANNO XXIII — PORTO, 1 DE MAIO DE 1901 — NUMERO 9

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura (sem brinde)**

Por anno (Portugal e Hespanha) . . 800 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios . . . . . 1$100 »
India, China e America. . . . . 1$280 »

Editor e administrador
JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA
Redactor
A. PEIXOTO DO AMARAL

**Typ. de J. F. Fonseca—Picaria, 74**

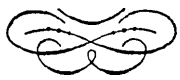
**Condições da assignatura (com brinde)**

Por anno (Portugal e Hespanha) . . 940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios . . . . . 1$500 »
Numero avulso . . . . . 100 »

## SUMMARIO

*Devoção a Maria*—Secção Doutrinal: *O decreto das congregações*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Voltarão os Frades?* (continuação), por um catholico.—Secção Critica: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. Ferreira. — Secção Bibliographica: *Vieira-Prégador*, pela redacção.—Secção Historica. *Convento e freguezia de Mancellos*, pelo Rev.mo Padre José Victorino Pinto de Carvalho. — Secção Litteraria: *Crentes e descrentes* (romance de propaganda religiosa) pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Os corvos negros* (poesia) pelo snr. A; *Ninguem morre* (idem) pelo snr. Alves d'Almeida; *Minha mãe* (idem) pelo snr. Damião Martins do Rio. —Secção Illustrada: *S. Quintino, martyr; A parabola do banquete*.—Secção Noticiosa —Expediente.

**Gravuras:** *S. Quintino, martyr; A parabola do banquete.*



**S. Quintino, martyr**

# DEVOÇÃO A MARIA

## Mãe de Deus e Mãe dos homens

*Pensae em Maria.*—Muito amada deve ser a Virgem Maria por todos os Cristãos, pois que é inextinguivel a sua luz. Por muito que um homem tenha peccado, se quizer recorrer a ella por uma verdadeira penitencia, logo Maria será para elle qual lucerna que lhe guiará os passos e o fará entrar no caminho da salvação (B. Alb. Magno, *serm.* 3 *de Nativ.* B. V.)

*Invocae a Maria.*—Ave, estrella do mar.—Sancta Mãe de Deus.— E sempre Virgem.—Feliz porta do céo.—Mostrai que sois Mãe! Salvae-me, já que amaes tanto os homens (S. Boav.)

*Alegrae a Maria.*—Progredindo dia a dia na virtude, e lendo quotidianamente algum livro de piedade.—*Desejo ser servo da Mãe para chegar a ser servo do Filho (S. Ildef.)*

# SECÇÃO DOUTRINAL

## O Decreto das Congregações

PUBLICOU o *Diario do Governo* o decreto de 18 d'abril de 1901, com que o governo de Sua Magestade julgou terminar com a questão religiosa que ameaçava em breve fazer uma conflagração geral no paiz.

Vem precedido d'um estenso relatorio, em que se faz succintamente a historia dos factos decorridos desde que foi publicado o decreto de 5 d'agosto de 1833 (em que se prohibiam as admissões a noviciados e as profissões) até á actualidade.

Cita o facto, de, *a despeito das leis*, se irem introduzindo em Portugal diversas communidades e congregações religiosas, e foi para se *pôr cobro* a isso que se publicou o decreto de 10 de março e a portaria de 12 de março ultimo.

E como não convinha eliminar de chofre tudo quanto se encontrava, e em que, no fundo, *havia muito de bom e altruista*, houve por bem o governo de Sua Magestade regularisar as congregações religiosas, dando-lhes existencia normal e regular, porque, segundo diz o relatorio *era preciso tirar do mysterio e da sombra, onde só se esconde quem a consciencia argue, o que na inteireza dos actos e na segurança das intenções, bem pode defrontar a luz do sol.*

Mas, segundo a alinea *c.* do § 1.º do Art.º 1.º do supracitado decreto, não é permittido, (apezar da regularisação legal) nem clausura, nem praticas de noviciado. nem profissões em votos.

De forma que, a legalisarem-se as congregações hoje existentes, teem de apresentar, no praso de 6 mezes, estatutos devidamente approvados, em que provem destinar-se a associação a actos de beneficencia ou caridade, a educação e a ensino, ou a propaganda da fé e civilisação no ultramar (alinea *b* do sobredito paragrapho). Mas, como não póde haver clausura, segue-se que se trata apenas d'um *externato*, o que se não accomoda com a indole d'essas instituições, mórmente ás destinadas ás missões do ultramar.

Deixaremos para outro artigo as considerações que o assumpto nos sugere. Mas não podemos deixar de consignar aqui a magua que todos os catholicos sentem, por verem coarctada em Portugal a liberdade religiosa, a que tinham inquestionaveis direitos, pois que, como já foi victoriosamente demonstrado, as leis de 1833 e 1834 estavam de facto invalidadas, por terem servido só para aquelle momento, visto que o legislador não podia ter legislado para o futuro.

Alem d'isso, segundo o decreto alludido, teem de ser approvados os estatutos, e em seguida publicados no *Diario do Governo*, antes de ser auctorisada a funccionar a congregação a que diz respeito. E se o governo não quizer approvar os estatutos? Não pode ser legalisada.

Oxalá que se unam os catholicos, e se forme a fallado *centro nacional*, para que de futuro sejamos mais bem succedidos, e se nos faça justiça afinal.

Em vista do decreto, foram fechadas as seguintes casas religiosas:

No districto do Porto, a casa religiosa de Singeverga, concelho de Santo Thyrso, e a casa dos Jesuitas da Boavista.

No districto de Vizeu, o Collegio e Apostolado da Oração do Coração de Jesus de Castello de Paiva e o Collegio de Nossa Senhora da Lapa, concelho de Sernancelhe.

No districto de Braga a casa dos religiosos de S. Francisco de Montariol e o convento do Couto de Cucujães, e a casa dos Jesuitas de S. Barnabé.

No districto de Lisboa, a casa das reparadoras, a casa dos Franciscanos na travessa da Amoreira, o instituto das Franciscanas missionarias, e a casa dos Jesuitas, na rua do Quelhas.

No districto da Guarda, o Recolhimento da Aldeia da Ponte, concelho de Sabugal.

No districto de Leiria, o convento de S, Bernardino, no concelho de Peniche.

No districto de Santarem, a Capella de Jesus, Maria, José, concelho de Torres Novas.

No districto d'Evora, o convento da Torre da Boa Fé.

No districto de Villa Real, a Associação do Apostolado da Oração.

Ao todo, 16 casas religiosas.

Agora estas congregações, ou teem de se conservar fechadas, ou teem de ser secularisadas, visto que se lhes não concedem nem votos, nem profissões, nem clausura.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

# Voltarão os Frades?

AO CORRER DA PENNA

*(Continuação)*

## Alguma coisa a favor
## Vantagens dos conventos

DEPOIS de havermos apresentado tantos argumentos contra os frades, alguns devemos apresentar a favor, para mostrarmos, que não pretendemos ser polemistas, mas unicamente prestar culto á verdade e fazer justiça a quem a merece.

E, por que não valem argumentos contra os factos, apresentaremos aquelles, que ninguem pode contestar, senão por má fé.

Não nos arrogamos a gloria de havermos pulverisado os argumentos contra os frades, não só por que não era isso tarefa difficil, mas tambem por que os inimigos dos frades não se convenceriam dos erros, em que laboram. E com teimosos por systema não se deve argumentar.

Cada um fica abraçado ás suas opiniões.

Nós tivemos, apenas, em vista o levantar um brado de protesto contra os insultos dirigidos ainda hoje á memoria dos frades, depois de estes haverem sido expulsos de suas casas e tratados pouco humanitariamente.

Nem ao menos tem havido o respeito aos mortos, nem se praticou a maxima: *Parce sepultis.*

Os frades, porem, não eram tão prejudiciaes, como se dizia e ainda hoje se diz.

Já o demonstrámos.

E algumas coisas uteis fizeram e poderiam fazer, se ainda hoje existissem.

Da sua existencia algumas vanta-

gens auferiu a sociedade portugueza e a humanidade em geral.

Apresentaremos algumas provas.

* * *

Cada convento, quando não era extremamente pobre, era um pequeno banco, onde o proletario e o pouco abastado proprietario encontravam recursos em apuros, ou quando queriam realisar qualquer contracto, para que não tinham de prompto todos os meios.

O juro era modico e todas as despezas, inherentes ao respectivo contracto, eram por conta do convento e não dos devedores.

*

Cada convento era um pequeno muzeu de bellas artes, especialmente nas ordens mais nobres, onde se poderiam admirar muitos objectos notaveis, bellas livrarias, templos magnificos e paramentos dignos de subido apreço.

Eram admiraveis esses objectos, mas não era de admirar, que elles se vissem, em estabelecimentos, que tinham seculos de existencia e onde haviam estado centenares de individuos, que os tinham levado para ali em diversas epochas.

E, nas terras, onde existiam conventos, quando lá chegavam alguns forasteiros, dotados de conhecimentos, era-lhes sempre mostrado o que n'essas casas era digno de nota. E os templos, para taes individuos, eram sempre objectos de admiração e de respeito.

E se nem todos os templos tinham ojectos de arte, que podessem admirar-se, tornavam-se sempre respeitados pela decencia e aceio, com que eram tratados, especialmente nos conventos do sexo feminino. E d'isso ainda hoje dão exemplo os templos dos poucos conventos de freiras, que nos restam.

E tanto isto era verdade, que se dizia outr'ora, que o Santissimo Sacramento nas Egrejas das aldeias estava n'uma taberna; nas Egrejas das cidades, n'uma estalagem; nas Cathedraes, n'uma hospedaria; nas Egrejas dos frades, n'uma sala de visitas; e nas Egrejas das freiras, estava em sua casa, isto é, n'um pequenino Céu na terra.

Em convento algum deixava de mostrar-se aos visitantes o que era digno de apreço.

Supprimidos os conventos, muitas coisas desappareceram, como já se disse, e algumas, que tem escapado á rapacidade dos amantes da liberdade egoista, tem sido recolhidas, em Lisboa, no *Muzeu das Bellas Artes,* onde se estão deteriorando e onde pouca gente pode vel-as, por que nem toda a gente pode ir á capital e nem toda tem a faculdade de visitar esse Muzeu.

E quem o pode visitar, não o faz sem sacrificios e sem difficuldades.

*

Outr'ora cada convento de frades era uma hospedaria permanente e sempre gratuita, para todo o passageiro, sem se attender ás classes nem ás crenças.

E muitos passageiros teriam morrido de frio, de fome e de cansaço, se as portas dos mosteyros, aonde batiam, não lhes fossem franqueadas a toda a hora e especialmente nas noites de inverno.

Verdade é, que hoje por toda a parte ha hospedarias, muito embora sejam caras e os hospedes não sejam tratados com tantos carinhos, como outr'ora os hospedes eram tratados pelos frades.

Mas os serviços d'estes na antiguidade parece, que se deveriam levar em conta, para que os frades, successores dos antigos, houvessem de ser mais respeitados e não houvessem de ser expulsos de suas casas.

E, ao menos, a memoria dos antigos, devia ser tratada com mais veneração e não insultada constantemente e por todos os modos.

*

As livrarias dos conventos eram como Bibliothecas publicas, que podiam ser consultadas por quem se portasse decentemente e não estorvasse os habitadores do claustro no seu socego e nas suas obrigações.

Nas terras, onde havia mais de um convento, eram as livrarias franqueadas em determinados dias e em horas determinadas e por seu turno, com excepção dos domingos e dias sanctificados ou impedidos pelos preceitos dos respectivos institutos.

E' bem sabido, que tal acontecia em Lisboa, como capital; no Porto, como segunda cidade do Reino e onde existiam (como hoje) aulas de cursos superiores; em Coimbra, séde do primeiro estabelecimento litterario do paiz e onde quasi todas as ordens religiosas tinham os seus collegios; em Braga, séde de um vasto arcebispado e onde, além de outras aulas, existia um importante seminario: e em Evora, que chegou a ter uma Universidade de Direito canonico e que sempre foi a capital do Alemtejo.

Em terras, que não eram tão importantes, succedia o mesmo, guardadas as devidas proporções.

Sirva de exemplo Aveiro, onde existiam tres conventos de frades.

Em Aveiro, os Dominicos franqueavam a sua livraria ás segundas e quintas feiras; os Carmelitas, ás terças e sextas feiras; e os Antoninos nos outros dias da semana.

No inverno estavam essas livrarias abertas desde as 9 da manhã até o meio dia; de tarde, desde a uma hora até ás tres. No verão, estavam as livrarias abertas desde as 7 horas da manhã até ás 11; de tarde, desde as duas horas até ás cinco.

Eis aqui *um grande mal,* que os frades faziam á sociedade e como faziam *monopolio da sciencia.*

*

Como prova, de que tal monopolio nunca existiu nem poderia existir, diremos, que raro era o convento, onde não havia aulas e que dos frades saíam muitos professores não só primarios, mas de instrucção secundaria e até de instrucção superior.

Isto prova, que na classe monastica haviam homens abalizados por seu saber e talento, e que á instrucção prestavam assignalados serviços.

Nos proprios conventos haviam aulas de differentes classes e differentes materias. E muita gente nas aldeias e até nas cidades ficaria sem saber ler, se não fossem os frades.

Verdade é que estes não chegavam á medida dos *talentosos arengadores* d'esta epocha, nem tinham uma tão vasta erudição, como os que ralham contra os conventos.

No entanto, alguma coisa ensinaram e tanto que das aulas dos conventos sairam muitos sabios e tambem sairam não poucos ingratos, que dos frades se tornaram acerrimos inimigos.

*

Se ainda hoje percorrermos e consultarmos as Bibliothecas publicas e particulares do nosso malfadado paiz, havemos de ver, que muitas das obras ou quasi todas foram escriptas pelos frades.

Ora admira, que, desejando elles fazer monopolio da sciencia, houvessem publicado esses livros, em vez de os escreverem só para si e determinarem, que fossem, com seus auctores, enterrados nas mesmas cóvas!

Bem reconhecemos, que os livros, escriptos pelos frades, tem hoje o defeito de não estarem em conformidade com o estylo, com as ideias e com os conhecimentos d'esta epoca de luzes. Tudo, porem, deve ter o seu desconto, assim como tem a sua razão de ser, segundo os tempos e as evoluções das ideias.

Apezar d'esses defeitos, quem ama a verdadeira erudição ou procura adquiril-a, não deixa, ainda hoje, de consultar muitos dos livros, escriptos pelos frades, em todas as materias, e não se peja de imitar os estylos de Frei Luiz

de Souza, Frei Antonio das Chagas, Padre Antonio Vieira, Frei Francisco de S. Thiago, Frei Francisco de Santo Agostinho, (tão ignorante e inintelligente, que até defendeu *Theses de omni scibili*), Frei Lucas de Santa Catharina, Frei Bernardo de Brito, Frei Manoel dos Santos e centenas de outros, cujos nomes são bem conhecidos.

«Mas as obras, escriptas pelos frades não passavam de uns *alfarrabios ou cartapacios*». Assim dizem os inimigos dos frades e os modernos litteratos, alguns modernos jornalistas e certos individuos, que são tão mal educados, como ignorantes.

Entendem, que essas obras volumosas não valem uns livrinhos das edições modernas, onde o papel em branco é mais do que o impresso.

Esses dictos não illudem as pessoas sensatas. Estas bem conhecem, que as obras dos frades eram os effeitos de um aturado e longo estudo e de longas vigilias e esforços intellectuaes.

Eram muito differentes de uma grande parte das obras modernas, que são, apenas, umas armadilhas ao dinheiro e que não dependem de grandes trabalhos materiaes e de intelligencia.

Os frades não escreviam para tirarem ganancias. Ou o faziam de *motu proprio* ou por determinação dos seus superiores. Em qualquer dos casos, os lucros das publicações revertiam para o cofre commum, especialmente, se essas publicações eram *Chronicas* da respectiva ordem ou se eram destinadas a estudos escholares.

*

Muitos outros serviços e vantagens se podiam e podem attribuir aos frades.

Fazer a respeito de cada uma especiaes observações, seria tarefa longa e enfadonha.

Já a respeito de cada um d'esses pontos dissemos o que nos pareceu sufficiente, fallando com insistencia nos que mais importantes nos pareceram.

Por isso terminamos este capitulo, dizendo, que os frades conservaram e desenvolveram a nossa litteratura, protegiam os mancebos e intelligentes, a quem faltavam meios; sustentavam, com os sobejos dos seus refeitorios, muitas familias envergonhadas e desprotegidas; dos seus *caldeirões,* davam todos os dias comida aos pobres; promoveram a construcção de algumas estradas e pontes, e outras obras de utilidade publica; ajudavam os parochos em muitos serviços e especialmente nas occasiões das desobrigas, dos jubileus e das festividades solemnes; concorreram para o melhoramento da nossa agricultura, arroteando terrenos e arborisando charnecas; accudiam ás urgencias pecuniarias do estado, especialmente em tempos de guerra; protegiam as artes, tanto liberaes como as mechanicas; entretinham com suas palestras os que os visitavam; davam aos povos o solemne espectaculo das suas festividades; curavam nos hospitaes e assistiam aos moribundos; nas occasiões de pestes, de incendios, nos terramotos ou n'outras calamidades, eram os primeiros a prestarem serviços e a levarem soccorros; remiam os captivos e pediam esmolas para os presos; davam melhores exemplos de boa educação, do que muitos dos seus detractores; promptificavam-se a irem prégar e ensinar doutrina nas mais longinquas e inhospitas paragens; aconselhavam o perdão das injurias; acompanhavam ao cadafalso os que haviam tido a infelicidade de merecerem os rigores da justiça; convertiam os gentios e prestavam muitos outros serviços á patria e á humanidade!

Tinham defeitos? Commettiam crimes? Praticavam erros? Abusavam? Faziam peccados?

Os frades não eram anjos e por isso não tinham o dom da impeccabilidade.

E estarão e estavam isemptos de defeitos os que promoveram e os que ainda hoje applaudem a medida da extincção das ordens religiosas?

Serão todos uns santos ou uns anjos, a quem a consciencia não tenha de accusar de alguns defeitos?

De certo, não.

Mas a consciencia por dúvida os accusará.

São poucos os que tem consciencia e por isso não lhes pesam os remorsos.

UM CATHOLICO.

## SECÇÃO CRITICA

### Socialismo, christianismo e catholicismo

—

Cyrillo indicou a muitissima gente a verdadeira fé, tirando-lhes muitissimas superstições; nós, porém, o que fazemos a tal respeito?

Ensinou aos povos orientaes as sciencias e artes; na minha freguezia ninguem quer apprender um officio, nem o menos custoso. Arrogantes e teimosos, parece-me sentirem uma grande sympathia pela sua ignorancia. Sendo nas outras assim, tudo estará perdido. Quem tem officio tem beneficio, sempre assim ouvi dizer; aqui nem officio nem beneficio. Aos paes agradam tanto seus filhinhos, que preferem vel-os tolhidos a darem-lhes a liberdade religiosa.

E' preciso apprender para ensinar; quem não sabe não ensina bem; a vontade só dos filhos não honra seus paes; estes nasceram primeiro: devem saber mais... Porque desprezam a oração, a penitencia, o trabalho e os meios que fortalecem a vontade, a fraqueza?

Deus proporciona graça sufficiente a todas as necessidades que nós tivermos. Oh! graça de meu Deus, eu sem vós nada posso; comvosco, posso tudo. Vinde a mim, sêde commigo para eu sustentar generosamente a lucta contra o demonio. Sois a porta estreita para entrar no reino celeste: perseverar na graça do bem, eis o caminho e portal d'esta porta. E a ignorancia em incontestavel materia de ordem religiosa é o peor mal!

Posso escrever arrogadamente n'esta Revista; que n'este meu concelho não ha quem a leia. Sou unico assignante do *P. C.* desde o n.º 1 do 1.º anno, e ninguem o quer assignar n'este malfadado concelho. Tenho feito muitissimos esforços por angariar-lhe assignaturas, mas nem uma! Ha dias... Ai o que ia dizendo! Queira Deus que aqui não seja preciso dizer tanto. Ignoro como arranjar ao menos um leitor do *P. C.* n'este meu logarejo. Porém os impios teem cá seus jornaes a jorros. Deploro que muitissimos ainda se digam padres regulares e seculares, quando a palavra secular até significa, não ecclesiastico. Um padre não ecclesiastico é um padre leigo. A palavra leigo quer dizer que não tem ordens ecclesiasticas, e até significa ignorante. Como A. Herculano dizia muito bem aos do seu tempo=«... assassinastes os espiritos»—nós tambem dizemos em nosso tempo: bem pobres e muito brutinhos, eis como nos querem. Dizia, um padre liberal é um padre atheu; nós dizemos um padre com epitheto é menos padre. Antes ser mais padre que menos padre. Um padre regular parece-me tambem ser anthitese de padre irregular, e a funccionar então ainda?! Se tivermos bem *cor contrictum quasi cinis,* em tal caso seremos bem padres; a cinza, tam sómente para nossos olhos, não convem.

Falo assim, porque se principiou a falar assim. O *sicut erat in principio* para mim tem muitissimo valor. Tudo nos vem do nosso bom Deus, e todos nós devemos regressar a Deus com nossas cousas, ou sem ellas generosamente: o que ha de mais justo? Deus é nosso principio mais principal, e o nosso ultimo fim. Se nos examinarmos bem sériamente a nós mesmos, não poderemos dizer senão hypocritamente: «Que mal temos feito? Mas eu não sou tam grande mau, ou não tenho feito assim tanto mal, como aquel'outro!» Porque, se nós commettemos delictos que nos censuram, não havemos de nos humilhar perante Deus sériamen-

te? Se agora não estamos culpados e ameaçados já de faltas voluntarias, não é bem verdade que o havemos feito centenas e milhares de vezes, e sem condemnação penal? E Deus nos fala e ajuda em nosso interesse! Deus para nos fazer bem serve-se tanto de nossos amigos, como de nossos inimigos. Todos muito bem sabem, que ha muitissimas vezes bens que nos veem pelos males que a cada passo nos assoberbam. Hoje querem acabar com a educação dos pobresinhos, querem brutalisar tudo; basta só dizer sim ou não conforme nos fôr aprazivel. Sempre havemos de ter o governo que merecermos; assim o queremos, assim o teremos: brutinhos e muito pobres, eis tudo; assim estamos bem.

Fechem tambem os lyceus e as escholas d'instrucção primaria, que já penso são frequentados, e ficar-nos-ha talvez a patria salva *d'aquillo* que os jacobinos mais odeiam,—a luz.

E' justissimo crer as cousas da religião, como se as estivessem vendo. Quem não vê, sempre assim ouvi dizer, é cego.

Fé, diz a Escriptura, é a existencia do que devemos esperar; olho vê, mão pilha, é demais. A esperança christã dá-nos alegria; outra não satisfaz em tudo. Sómente Deus nos dá sempre mais do que nós pedimos.

Deus não se deixa vencer de generosidade. Bem diz o santo varão Job, que os homens apenas parecem, exactamente são uns consoladores importunos. Diz bem. Socialismar a sociedade cousa é que não pode ser.

Com um talisman assim, e d'este modo conduzido, não vamos bem.

Obriga-me tudo isto a inventar o vocabulo *socialismar,* que melhor se diria *palermar,* do termo palerma, que tam bem a talho de foice cabe n'este logar.

Um decreto palerma é tudo para muitissima gente; entendo, porém, só motivo de abrirmos nossos olhos de vez, e nada mais agradavel. Manifestemo-nos verdadeiramente ministros, e *sint Dei ministros,* e o resultado será elle: a conversão dos peccadores, a regeneração dos povos... Os infieis mais ainda soffrem que aquellas pessoas que são exactas observadoras de seus deveres. Pretendem legitimar suas desordens pela bella razão que defendem seus direitos; porém esquecem de qualquer modo seus deveres de observar tudo aquillo que Deus manda...

Harmonisemos, pois, bem nossas obras com nossa fé. A fé sem as obras de nada serve. Ninguem se pode salvar realmente sem que as faça, e aos olhos da fé: as obras de nada valem sem a fé para nossa salvação, como a fé sem as obras. A doutrina da fé catholica é, pois, indispensavel para nossa salvação eterna; e sobre a terra não é menos indispensavel. «... Cyrillo,... conquistou nas sciencias tal renome que para honral-o d'uma maneira especial, appellidaram-no o *Philosopho.*»

E que remedio temos, emfim, senão ter philosophia, desprezar mais ou menos as cousas d'este mundo, que se diz puro, limpo?! Com suas armas, calhaus, anti-rudimentares o rapazio faz das pobres creanças o que Deus muito bem sabe, rapazes, vorazes, lôrpas, invejosos. Assim não se vae bem. Isto desce até umas talvez das mais infimas aldeolas.

Em tempo, não ha muito, vindo eu de banhos aqui dizer a missa, fui corrido á pedra quando abria cedo a porta da egreja, e agora o mesmo lôrpa não me quer deixar passar, no que não é d'elle, para uma estrada em construcção ha mais de 11 annos, pela qual ninguem ainda passa. Não se confessa nem vae á missa como é moda hoje nos da sua especie.

Hoje o caso é distinguir-se a gente de alguem, seja no que fôr. Ainda ignoro porque me atirou com pedras. Nunca lhe fiz mal algum... Comprehendo. A pedrada é hoje moda.

E' a terrivel arma, de que foi victima santo Estevão, em acção.

Assim estamos adeantados em tal ballistica! Tambem as balas de papel estão assim. Os amigos de Peniche tambem não estão de modo algum preferiveis.

E'-nos preciso ser muitissimo circumspectos a respeito de nossos amigos, como a escolha dos livros, e principalmente dos jornaes, exige muita prudencia e discrição.

Absolutamente nos é indispensavel pôr interdicto a toda e qualquer leitura que faça mal e desarranje o coração, ou inspire justas inquietações.

Os religiosos e as religiosas, cujas funcções obrigam a estudos que se limitam ás sciencias medicas, fazem-se a si mesmos uma lei de manter-se n'estas materias no estricto necessario, se teem um verdadeiro cuidado da sua castidade.

Discipulos da Virgem purissima, sem primeiro terem orado não encetam estes estudos.

Não se auctorisam a ler os livros de physiologia, d'anthropologia, etc., sobretudo illustrados, com o pretexto de sciencia profissional.

Comprehenda-se muito bem que a curiosidade insalubre, que a taes leituras nos leva, é um laço do demonio, que arranja os mais graves perigos á innocencia.

«Trazemos em vazos frageis o thesouro da castidade.» Sejamos vigilantes e circumspectos.

*(Continúa.)*

A. S Ferreira.

# SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

## Vieira-Prégador

Deante de nós, e sobre a nossa meza de trabalho, esperando a analyse critica que o jornalismo costuma fazer ás obras recebidas, está uma das mais importantes e peregrinas obras portuguezas que n'estes ultimos annos teem sahido dos prélos nacionaes.

E' o já bem conhecido *Vieira-Prégador.* Como póde ser bem conhecido, se elle ainda agora sáe do prelo—perguntará o leitor—e se ainda não viu a luz da publicidade o segundo volume d'essa obra? Sim, leitores. O *Vieira-Prégador,* comquanto ainda agora appareça o primeiro volume, é bem conhecido dos leitores catholicos, porque d'elle fallou já encomiasticamente o valente Nemo, o douto Dr. Coelho da Silva, e escriptores notaveis como o Rev.mo Padre Manoel Marinho, Reitor de Mancellos, e Moreira Bello.

Mas basta vel-o e folheal-o rapidamente para ser considerado um verdadeiro *bijou.*

Senão vejamos. Basta olhar para elle para se ver o formoso e elegante formato, o tamanho do volume e a formosura artistica e material das respectivas capas. Logo no principio encontra o leitor, em magnifico cartão velino um explendido retrato do Padre Antonio Vieira, devido ao magico *crayon* do Ex.mo Snr. José de Brito, o eximio professor de desenho historico da nossa Academia de Bellas Artes. E' um trabalho que honra sobremaneira a arte em Portugal. N'elle se vê o grande orador portuguez, prégando n'um pulpito, revestido de roquette e estola, e tam formoso, tam natural, tam expressivo que parece estar fallando e commovendo todo um auditorio.

E que vê mais o curioso que se dá a esse fugitivo exame? Que a obra está perfeitamente bem impressa, que o papel é superior, que é nitida a mais não poder ser a impressão, e que ha largas margens com indicações impressas, designando o assumpto de que tratam todos os periodos, e deixando amplo espaço para o leitor estudioso e amante das lettras patrias poder escrever as variadas impressões que lhe forem suggerindo a curiosa e instructiva leitura.

Que diremos agora com referencia ao valor litterario da tam notavel obra? Dizendo que está acima de tudo quanto sobre o assumpto se tem escripto, e que é um trabalho monumental e unico no seu genero que o seu erudito auctor o Rev.mo Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral lega á posteri-

dade, temos dito quanto podemos agora dizer, visto que o acanhado espaço de que dispomos, não nos concede dizer mais. Basta, porém, o que d'elle escreveu o Ex.mo e Rev.mo Arcebispo de Evora, e o que d'elle disseram todos os criticos competentes, para nada mais termos a accrescentar.

Resta agora agradecermos o exemplar com que foi brindada esta redacção, e darmos os nossos emboras e felicitações ao editor da obra, pela maneira como a apresentou em publico.

## SECÇÃO HISTORICA

## Convento e freguezia de Mancellos

—

### Extracto das Pastoraes e Provisões

—

Circular do Dr. Pedro Paulo de Barros Pereira, Provisor, incluindo uma Pastoral do Arcebispo D. Frei Caetano Brandão, datada de Mondim de Basto, em visitação, de 26 de Julho de 1792, em que, lastimando o abuso dos ecclesiasticos de se vestirem como seculares, lhes pede que abandonem todo o luxo e fatuidade das modas do seculo, nem deixem apparecer sobre si, coisa alguma, que não seja grave, moderada, e cheia de religião, como convem a seu sancto caracter e sugeito; e singularmente que se abstenham do odioso secularismo nos chapeus, fivellas, gravatas, chitas, e outras cores de vestido, que não seja preta ou escura; declarando que somente reconhece por ornato genuino d'um Ministro da Religião o habito talar, approvado pelos Sagrados Canones; e que, se a calamidade dos tempos o obriga a tolerar o uso dos vesidos curtos, jamais os que os adoptam, poderão gosar da sua estima.

Manda depois que os Parochos não admittam ecclesiastico algum, a exercer funcções nas suas egrejas, sem habito talar, (o que se não verifica nas becas sem mangas) na forma das determinações do seu antecessor.

———

Pastoral de D. Frei Caetano Brandão, de de 28 de Fevereiro de 1798, em que prohibe as compras e vendas e contractos nos dias sanctos, sob pena de excommunhão maior, reservada ao Prelado, excepto a primeira vez, qçe poderá ser absolvido pelo Parocho, e não o serão por privilegio da Bulla da Cruzada.

Exceptua o commercio e contractos, que se fazem nas feiras que, por provisão real ou antigo costume, se fazem nesses dias; os viveres, os padeiros que compram cereaes, para fornear e vender; os estalajadeiros, que precisam de comprar pão, para revender a seus hospedes; o necessario para cosinhar; a cera para a administração dos Sacramentos e officios divinos; o que fôr necessario pâra algum funeral; o que fôr preciso aos viajantes. Permitte tambem as compras aos tendeiros ambulantes e almocreves; o necessario para escrever, drogas, alfinetes e outras miudezas; o pescado fresco, ainda que seja para revender; e concede tambem que, nas lojas de commercio, se entreguem as cousas vendidas, nos dias livres, e se receba o preço ou qualquer outra divida.

Concede aos parochos faculdade de absolver da excommunhão, dentro ou fora da confissão, por uma só vez somente, em quanto ao preterito; em quanto ao futuro ficará a dita excommunhão a Elle reservada.

Confirma aos Sacerdotes, aos quaes se acabar o uso das suas ordens, a licença por dous mezes, na forma dos capitulos antecedentes.

———

Circular do Dr. Antonio José d'Araujo Camisão, Conego e Juiz dos Casamentos, de 18 de abril de 1800, em que diz que, tendo-lhe o Escrivão da Camara representado sobre o modo como os Parochos assistem ao matrimonio de seus freguezes, sem preceder licença do Juiz dos Casamentos, na forma da Constituição, Manda, depois de ouvida a Relação Ecclesiastica, que nenhum parocho receba seus freguezes, nem para isso dê commissão sem previa licença de Sua Ex.ª Rev.ma ou do Juiz dos casamentos, exceptuados os que forem naturaes e domiciliarios nas suas freguezias, e não tenham ausencias d'ellas ou do concelho.

———

Ordem ambulatoria do Bispo de S. Paulo, Vigario Capitular, datada de 30 de março de 1814, prohibindo aos parochos, em virtude de ordem de Sua Alteza o Principe Regente, que assistam ao casamento de mancebos, que não tenham vinte e dous annos de edade, porque muitos se casavam antes d'esta edade, para se eximirem ao recrutamento.

———

Provisão do Doutor João José Vaz Pereira, Provisor, enviando uma Portaria de Sua Ex.ª Rev.ma de 10 de Dezembro de 1817, em que ordena aos parochos, em virtude do Regio Aviso de 15 de novembro, que dirijam ao Altissimo ardentes acções de graças, e implorem copiosas bençãos sobre o faustissimo consorcio de Sua Alteza, o Principe Real D. Pedro de Alcantara, com a Archiduqueza de Austria D. Carolina Josepha Leopoldina, cantando um *Te Deum,* e fazendo outras demonstrações.

Manda tambem, em virtude d'outro Regio Aviso, de 31 de Outubro, que os Parochos declarem aos commandantes das milicias, as edades de seus freguezes, para os respectivos assentos nos livros das companhias; e a mesma recommendação faz aos Escrivães dos livros findos.

Renova a ordem de nenhum ecclesiastico exercer suas funcções, sem habitos talares, sob pena de suspensão *ipso facto.*

———

Em 5 de Fevereiro de 1818, veio uma declaração á Portaria supra, em que se declara que por habito talar, se não devem intender *sobretudos da moda;* mas sim lobas, chimarras (samarras) ou garnachas pretas, talares, fechadas por diante.

E declara mais que a suspensão da referida portaria, é reservada a Sua Ex.ª Rev.ma.

Na mesma data, veio outra Portaria com a licença do Nuncio, pedida pelos Governadores do Reino, para na quaresma d'esse anno (1818) se poder uzar de adubos de gordura de porco e toucinho derretido, exceptuando quarta feira de Cinza, quinta e sexta feira e sabbado da Semana Santa.

E, cahindo nesse anno o dia de S. José, em quinta feira Santa, mandava Sua Ex.ª Rev.ma que se dissessem as missas necessarias.

Outra Provisão do mesmo Dr. Provisor, incluindo uma Portaria de Sua Ex.ª Rev.ma de 13 de maio de 1819, em que lastimando amargamente os sacrilegios commettidos nos roubos das Egrejas, recommenda ao povo que dirija fervorosas preces a Deus, para fazer cessar taes insultos, e aos parochos ordena que façam preces publicas para o mesmo fim.

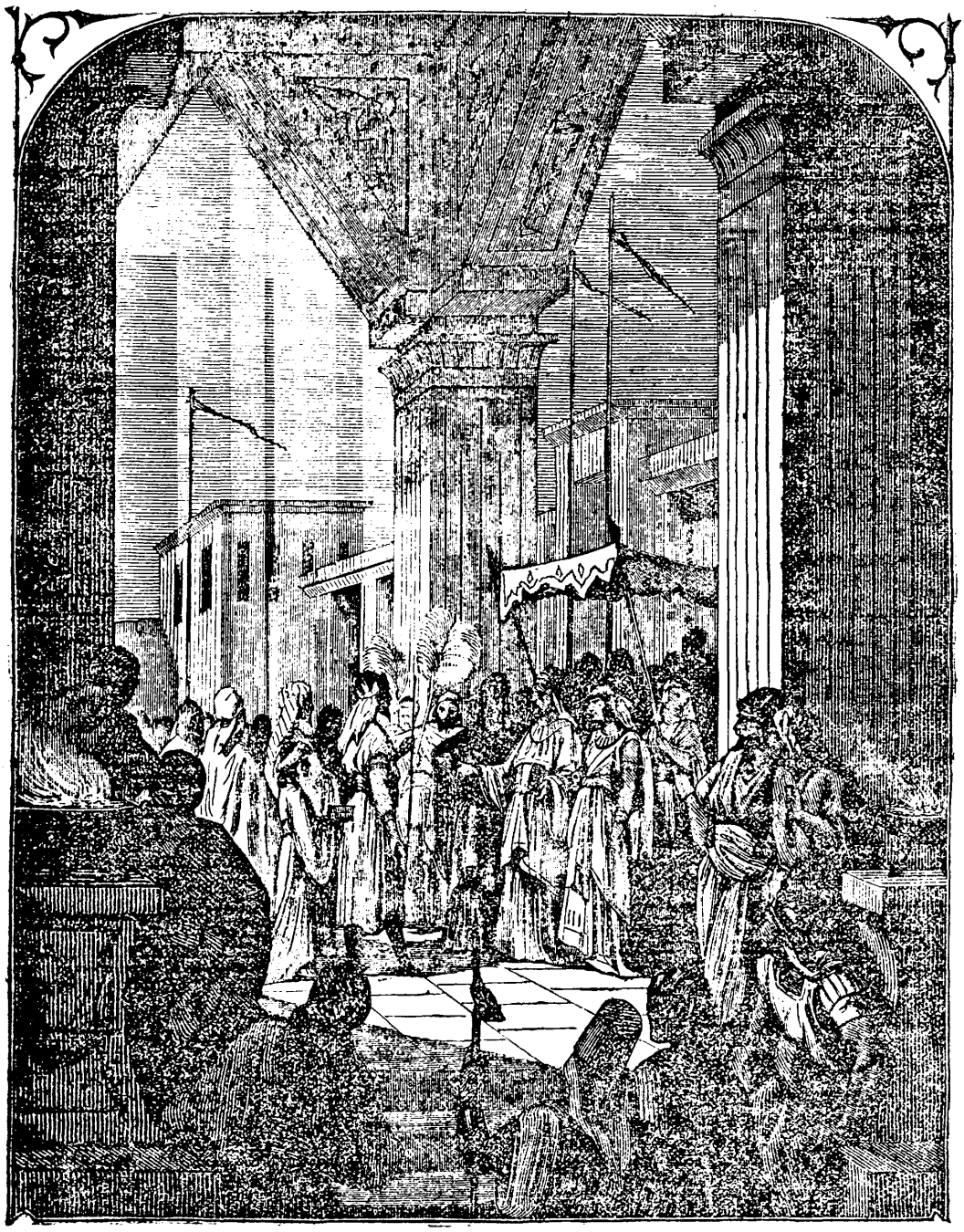
———

Outra Provisão de 21 de Outubro de 1819, em que recommenda orações, para que Deus nos livre da peste, que assolava a Hespanha; e aos ecclesiasticos manda que, emquanto durar a crise, deem na missa a collecta *pro vitanda mortalitate,* ou *pro tempore pestilenciae.*

———

Portaria de Sua Ex.ª Rev.ma, de 20 de Setembro de 1820, mandando, em virtude das ordens da Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, que o clero preste juramento de fidelidade ao Rei, ás Cortes e á Constituição feita por estas. E para dar o exemplo, envia o auto em que Elle, o Cabido, familiares, Parochos e clero da cidade, ao todo cincoenta e cinco, prestaram o dito juramento.

E' uma peça curiosa, pela qual se vê



**Parabola do banquete**

que o Arcebispo D. Frei Miguel da Madre de Deus esperava um mar de felicidades da nova ordem de coisas, estabelecida em Portugal pelos macaqueadores da Convenção Franceza.

——

Pastoral do mesmo Prelado, datada de 29 de março de 1821 em que, por insinuação do governo, segundo confessa, recommenda ao povo a pratica das virtudes, e obediencia ao Rei e ao Governo Supremo da Nação, o qual elle espera que fará nadar este paiz em ondas de felicidade, e manda aos parochos que inculquem esta mesma doutrina ao povo.

E' uma Pastoral muito bem escripta, piedosa e instructiva.

——

Portaria de 12 de Dezembro de 1821, em que, para dar cumprimento a uma portaria da Secretaria da Justiça, prohibe aos parochos que exijam salario por administrar o baptismo aos expostos, o que é um abuso contrario ao espirito de caridade, que caracterisa a Egreja Catholica Romana, indigno de seus sagrados ministros, e alheio do systema constitucional, que a nação tem adoptado. Continúa Padre José Victorino Pinto de Carvalho.

(1) —**Nota** D. Frei Caetano Brandão tambem andou em visita pelas freguezias destes sitios. O que não posso descobrir é o motivo porque, visitando Carvalhoza, que é proxima d'aqui, não viesse a esta freguezia de Mancellos.

Foi de certo para evitar algum incidente desagradavel com os Religiosos de S. Domingos que, tendo a seu cargo a Egreja e o culto, nem sempre cumpriam as determinações dos visitadores.

Que elle visitou Carvalhoza, freguezia pequena e pouco importante, não ha duvida, pois alli existiu uma cadeira de espaldar, em cujo arco se lia a seguinte inscripção.

Em mim esteve sentado,
Chrismando com devoção,
Aquelle Grande Prelado
Dom Frei Caetano Brandão.

Esta cadeira existio na freguzia de Carvalhoza, d'onde a levou, sendo transferido para Penha Souza, o parocho Padre Domingos, que ainda -co

nheci muito bem, e até me deu algumas lições de cantochão, em que era eximio.

Por morte d'elle, passou a preciosa cadeira para a casa da illustre familia Negrão.

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

*(Continúa).*

# SECÇÃO LITTERARIA

## Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa

III

### Uma amiga verdadeira

*(Continuado de pag. 68)*

DAVAM trez horas no relogio do Commercio, quando D. Anna entrava de novo em casa da comadre. Esta já tinha jantado... se possivel lhe era comer, nas circumstancias em que se achava. Mas dera um caldinho á sua doente, que quasi o comera todo, pois que a tosse lhe abrandara alguma coisa.

O marido não havia, porém dado signal de si. Continuava na mesma inacção. Apenas por uma leve respiração indicava que pertencia ao numero dos vivos.

Informada ácerca do que se havia passado, foi com a comadre para a cosinha.

—Olhe, comadre, trago-lhe aqui mais outra libra. Não quero que falte nada aos seus doentes. Depois me pagará, quando puder

—Mas... comadre...

—Já lhe disse, e temos conversado. O que me está causando admiração é a demora do doutor.

—Elle não póde tardar pois ficou de vir de tarde.

—Estou anciosa, por ver o que elle diz. Se fôr necessario, chama-se outro doutor, faz-se uma conferencia.

—Mas, comadre, isso fica muito dispendioso.

—Esteja socegada, que não faz essa despesa. Ha pessoas caridosas que gostam de fazer bem aos seus similhantes.

Palavras não eram ditas, e ouviram-se pés na escada.

Era o doutor.

As duas vieram logo para a sala.

—Estão como vão os doentes?— perguntou o doutor, pousando o chapeo sobre uma cadeira.

—A Guilhermina vae um pouco melhor—disse Luiza. Mas o meu Manoel está completamente na mesma.

—Mas então não fez movimento nenhum?

—Abriu os olhos, e disse algumas palavras, mas nada lhe pude comprehender. Depois tornou a ficar na mesma.

—Vamos lá vel-o.

E o doutor, chegando-se ao leito do doente auscultou-o, demoradamente. Depois tirando d'um estojo um frasco de saes, chegou-lh'o ao nariz.

O doente abriu os olhos, divagou os pela sala, e fixou-os depois sobre o doutor.

—Conhece-me?-perguntou-lhe.

—Conheço—respondeu em voz baixa o doente. E' o senhor doutor.

—Que lhe doe?

—Doe-me muito a cabeça, e custa-me a abrir os olhos.

—De certo, de certo. Nem isso admira. E' preciso conservar-se callado, e não se mecher muito no leito. Amanhã deve estar melhor.

E como Luiza se quizesse aproximar do leito, elle com um gesto, impediu-a.

E voltando se depois para ella:

—E' preciso conservar sempre as janellas fechadas, e não trazer luz para a salla, de modo que lhe fira a vista.

—Mas então, snr. doutor, que tal está elle?

—Está muito fraco, mas ha-de resistir. Vou receitar-lhe um remedio que lhe ha-de dar ás colhéres de hora em hora, até eu vir amanhã. E não lhe mexa no apparelho da cabeça, nem consinta que elle, com a febre, lhe bula tambem.

—Mas elle tem muita febre?

—Nem por isso, o que me faz crer que é forte a sua constituição. Vamos agora ver a nossa doente.

E foi para junto de Guilhermina.

Foi, porém, rapida a visita que a esta fez.

—E então?

—Vae perfeitamente bem. Vou receitar-lhe a emulsão de Scott, que a ha-de restabelecer.

E depois de receitar, cumprimentou as duas mulheres e sahiu.

Luiza chegou-se então perto do marido, ajoelhou-se junto do leito, e falloulhe ao ouvido:

—Estás melhor, meu amor?

Manuel encarou-a, sorriu-se tristemente, mas não respondeu.

—Não me vês? Não me conheces?

—Vejo-te e conheço-te, disse o marido em voz imperceptivel, mas custa-me a fallar.

—Pois, sim, meu amor, não falles, mas vive para ti, mas vive para mim, e para a tua filha. E vou deixar-te socegado, e trago-te já uma agua de franga.

E sairam ambas para a cosinha.

—Então? que lhe dizia eu, comadre? Temos, ou não temos homem? Creia que Deus protege os que o amam. Eu vou assistir á encerração do Senhor, em S. João Novo, e la pedirei muito a Deus, pela saude do seu Manoel, e da sua Guilhermina.

—Va, comadre, vá que é uma Santa. Só Deus lhe poderá pagar os beneficios que me tem feito. Mas depois ha-de voltar ca, para beber um golo de café, na minha companhia.

—Pois, sim, minha filha, eu voltarei.

*(Continua)*

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## Os corvos negros

De novo se levanta a furia do inferno,
Ferindo as santas leis, as crenças, o Eterno,
Lançando labaredas de infernal horror!
De novo a voz das seitas, affectando amor,
Fingindo crer em Deus, amar a liberdade,
Vem ver se mata a fé, a luz, a caridade,
Com todo o vil horror das seitas infernaes!
Atraz, crueis verdugos, viboras, chacáes!
Deixae que a alma humana aos pés de Deus subindo,
Va sobre si a sancta benção attrahindo
A graça do Senhor que tudo nos creou,
E que na cruz, morrendo, a todos perdoou!
Não tendes fé? Sentis o coração vasio,
O peito enregelado e sceptico, e frio...
Sem crer, alem da campa, em páramos de luz?
Deixae, a quem caminha, a senda de Jesus,
Deixae que se recolha a candida donzella
Chamada por Jesus, á lage d'uma cella,
Afim d'erguer a Deus infindas orações,
Que façam vir a graça a vossos corações.

Chamaes a «seita negra» aos pobres jesuitas
Por ser de panno preto a loba dos levitas,
Mas vós que sois crueis, mas vós que sois atheus
Que escarneceis a fé, e até zombaes de Deus,
Sois vós os «*corvos negros*» os heroes da treva,
Pois nunca o scepticismo o vosso peito eleva
Nem nunca sabereis que coisa é ser feliz.
A vossa vida é leve, a propria historia o diz;
Viveis entre paixões, ao mundo afferrados,
Na vil escravidão, por entre mil peccados,
Sem ver na vossa alma irradiar dos ceus
Um unico vislumbre d'um olhar de Deus.
E tudo em vós é treva! Até a propria alma
Em trevas vae subindo a procurar a palma
Que Deus, apoz a morte, póde conceder...
Pois vós negaes ao corpo a graça d'accender
Um unico archote a accompanhal-o á terra!
Das trevas sois os filhos. Vossa alma encerra
Eterna negação a tudo quanto é luz!
Dizeis-vos liberaes, amigos de Jesus,
E sempre que podeis negaes a liberdade,
A quem renega a vós, mas ama a sanctidade!
Occultos n'essas lojas, sempre a conspirar,
Fugis á luz do sol, á propria vida, ao ar.
Mas nós queremos luz; nós vamos á Egreja,
E entre luzes mil, queremos que se veja,
Que vamos adorar o Santo Redemptor,
Fazendo do seu throno mil tropheus d'amor.

Que mal vos faz a vós o pobre missionario
Que vae para os sertões, a ser o emissario
D'um Deus todo de paz, d'um Deus todo d'amor?
Que mal vos faz a vós, que haja o Bom Pastor
Que dê o nome seu á casa d'umas santas,
Que vão regenerar desgraças tantas, tantas,
Que nunca a vossa bocca poderá contar?
Nem póde a vossa voz ao certo relatar!
E fazem mal acaso os frades nos conventos?
Será então melhor andar pedindo aos centos
Por todas essas ruas os mendigos nús
E não haver ninguem, em nome de Jesus
Que a fome lhes sacie, que lhes dê esmola?
Que dê aos filhos seus a gratuita escola,
E vá os seus doentes ver aos hospitaes,
Fazendo-lhes na morte os santos funeraes?
Por isso eu vos digo, affirmo e repito
Que sois os *corvos negros*... vós! e tenho dito.

*
* *

«Nós somos, dizem elles, nós, os verdadeiros,
Catholicos perfeitos. Somos os primeiros
A amar a lei de Deus.
Mas vós não sois assim. Só affectaes par'cel-o.
Os vossos renegaes, não tendes fé, nem zelo
Sois quaes outros atheus.»
Eis surje Leão XIII, o Papa venerando,
E vem a defender, em tom ameno e brando
As sãs congregações...
E nós que ainda ha pouco, vos dizieis crentes,
Gritaes como imbecis, berrais como dementes,
Berrais, como leões!
Mas Deus castiga bem. Despreza taes *apoios*,
E deixa-nos ficar, de novo, os nossos *coios*,
Agora já legaes.
E dentro em pouco, temos em plena clausura,
Os votos da donzella, ethérea, virgem pura
Em profissões formaes.

*A.*

## Ninguem morre

Não tenhas horror á morte,
Porque a morte não existe
Para o pobre, para o triste,
Que não é fraco nem forte,
Mas que á desgraça resiste.

Nem mesmo para o ricaço
A quem o oiro enfraquece
E o solto rir amollece,
Porque esse é o valentaço
Que o deus Eros entorpece...

A morte é uma illusão,
Ninguem receie morrer,
Porque o morrer é viver
Na grata transformação
Aonde outro... se vae ser.

Mas como a metamorphoze
—Zombando da sepultura—
Nos promette alma ventura,
Bom será que se não goze
Alem da estricta natura:

Nem se abuze da fraqueza,
Nem se escute o maldizente
Nem se negue ao indigente,
Para se ter a certeza
De viver eternamente...

—A morte! se diz, que raio!
Mas ella nunca existiu
Nem morto ninguem se viu,
Porque a morte é um desmaio
Para aquelle que ao ceu subiu!
.....

São estas as gratas penas
Que os povos teem de provar
E humilimos acceitar...
Como um nadita pequenas
Para o seu louco aberrar!

Porém, para os crudos Neros,
Calligulas e quejandos
Que por hi vemos aos bandos,
Ha castigos mais severos,
Flagellos mais execrandos:

De ninguem é ignorado
Que Nabucho do nozor
De Salem fero oppressor,
Em boi é transfigurado
Por seu barbaro rigor.

E que a relvar pelos montes
Perpetuamente andará,
E que jamais beberá
No crystal d'amenas fontes,
Porque nunca as achará.

Pois bem: os Neros casmurros
Tambem são transfigurados...
Não em bois nem em veados,
Mas n'essa corja de burros
Que por hi vemos chagados...

E tambem estes maldictos
Serão scandalos eternos!
E ou aqui ou nos infernos,
Porque á raça são addictos,
Sempre hão de ter subalternos!

E se como o babylonio
Não pastam pelos oiteiros,
E' porque os donos arteiros
—Notando-lhe um todo idoneo—
Os fazem... seus companheiros.

E lá vão para a sardinha
Atroando terra e mar
Co'o seu maldicto roncar;
Mas ao voltar á tardinha
Nem passo já podem dar...

E por isso, ó potentados,
Sabei que os irracionaes
A que jumentos chamaes,
São Tiberios transformados
Na escoria dos animaes!

ALVES D'ALMEIDA.

## Minha Mãe!

Quão ditoso não é esse
Que se acolhe a sua mãe!
Ai, desgraçado e triste
Aquelle que a já não tem!

Na infancia o venturoso
Marinha ao collo materno,
Que o orphão agasalham
Só as geadas d'um inverno...

Sorrisos na juventude
Dar-lh'os-á jamais ninguem...
Que melancolico sempre
O que fôr orphão de mãe!

Foi-se-me o collo materno,
Não tenho beijos de mãe;
Desde a infancia vivo triste
Como aquelle que a não tem!

II

Minha mãe, anjo querido,
Que em tuas azas d'amor
Déste ninho ao meu gemido
E voaste ao teu Senhor:

Minha mãe, que disvelada
Tanta vez me acalentaste,
E em meus vagidos, passada
De ternura me beijaste:

Minha mãe, oh mãe querida,
Que na hora ultima da vida
Só de mim te condoeste,
E em teu profundo soffrer
Sem te inda eu bem conhecer,
Lacrimosa nos morreste:

Se souberas o amargor
Que dos meus labios a flor
Tem roçado neste mundo,
Porque sou orphão de mãe,
Cujo amor ninguem mais tem
Tão suave e tão jucundo:

Na agonia derradeira
Bem estreito ao peito teu,
Oh, levar-me-ias, fagueira
Mãe, comtigo para o Céo!

DAMIÃO MARTINS DO RIO (PHILODEMO.)

# SECÇÃO ILLUSTRADA

## S. Quintino, martyr

(Vid. pag. 99)

S. Quintino foi filho d'um senador romano. Viveu no tempo do imperador Diocleciano, e do venerando Papa S. Caio, que foi seu amigo.

Não se sabe ao certo o anno em que S. Quintino foi convertido ao christianismo. Sabe-se apenas que, a instancias de S. Caio partiu para as Gallias, que eram governadas por Constancio Chloro, então cesar de Maximiano que em 286 se havia associado no poder a Diocleciano.

Fixou-se em Amiens (*Samarobriva*) onde fez grande numero de conversões. Como os templos pagãos se despovoassem, porque todos queriam ouvir as suas predicas, foi preso á ordem do governador das Gallias, que, convencido de o não poder dissuadir de cathechisar o christianismo, o mandou fustigar com varas. Mas todos foram surprehendidos, ouvindo uma voz que dizia:—«Coragem, Quintino, sou eu que soffro em ti, sou eu que te assisto!»

Ficaram todos mudos de favor. No entretanto mandaram-no para uma masmorra, mas n'essa mesma noite veio um anjo deprender-lhe os grilhões (vide a nossa 1.ª gravura), e S. Quintino appareceu solto na praça publica.

Não é possivel ennumerar os tormentos que a furia anti-christã fez soffrer ao nosso santo. Basta, porém, que se diga que foi cruamente açoutado, que lhe cobriram as chagas com azeite a ferver, que lhe deitaram cal viva pela bocca, etc.

Afinal atravessaram-no com dois espetos d'alto a baixo, morrendo no dia 31 d'outubro de 287.

Veja-se por esta amostra, quanto não seria horrorosa a celebre *era dos martyres*, que inaugurada por Galerio começou trez annos antes em 284, constituindo a decima perseguição contra os christãos!

S. Quintino que tambem foi apostolo da antiga provincia franceza do Vermandois, deu o seu nome á cidade de S. Quintino (capital do departamento de Aisne, a 139 kil. de Paris), para onde as suas reliquias foram transportadas no anno 825.

## A parabola do banquete

(Vid. pag. 105)

Entre as muitas parabolas, com que Jesus Christo ensinava as suas doutrinas, sobresáe, por sua importancia aquella de que nos falla S. Lucas (Cap. XIV, vers. 8 a 11.)

Jesus havia entrado n'um sabbado em casa d'um phariseu, e ahi curou um hydropico, dizendo aos que se admiravam d'elle fazer curas n'um dia de sabbado, que tambem elles, n'um d'esses dias, se um boi ou um jumento lhes cahisse a um poço, o tiravam no mesmo dia.

E notando em seguida que os convidados escolhiam sempre os primeiros logares, nos banquetes, disse-lhes:

«Quando fores convidado para algum banquete, não te assentes no primeiro logar, porque pode ser que esteja alli outra pessoa, mais auctorisada do que tu, convidada pelo dono da casa.

E vindo este que te convidou a ti e a elle, pode dizer-te:— Dá o teu logar a este. E tu, envergonhado, vás buscar o ultimo logar.

Mas, quando fores convidado, vae tomar o ultimo logar; para que, quando vier o que te convidou, te diga:—Amigo, senta-te mais para cima.—Servir-te-ha isto então de gloria na presença dos que estiverem juntamente sentados á meza; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.

Eis como Nosso Senhor Jesus Christo expunha a sua santa doutrina.

## SECÇÃO NOTICIOSA

### Seria jesuita?

Lê-se no «Primeiro de Janeiro» de sexta-feira 26 do mez findo:

«*Apedrejamento.*—A snr.ª Maria da Silva Araujo, proprietaria, do logar de Maceda, Campanhã, queixou-se á policia de que Augusto de Carvalho Sarda e Rosa Viterbo de Lima lhe apedrejaram a casa, partindo-lhe o telhado.»

E nada mais se continha na alludida noticia. Perguntamos agora: seria a tal senhora alguma *jesuita?* Sim, porque agora, com o espirito liberalesco está exaltado, é de crêr que apedrejassem a casa d'ella, como a canalha o tem feito ás casas das congregações religiosas.

### A questão vinicola

Como os leitores sabem, os commerciantes de vinhos e agricultores vinicolas não querem que o governo auctorise a creação d'uma Companhia Vinicola do Sul de Portugal, que iria prejudicar os vinhos de toda a região do norte, e para esse fim fizeram um grande comicio na Regoa, no domingo 21 do mez findo.

Agora foi encarregado o snr. conde de Samodães de redigir uma representação a el-rei, que lhe será entregue por uma grande commissão de viticultores em que seja representada a Associação Commercial do Porto e a Liga dos lavradores do Douro.

### Diccionario Apologetico da Fé Catholica

Publicou-se o fasciculo n.º 3 d'esta utilissima publicação, devida á penna do Dr. J. B. Jaugey, e editada pelo nosso amigo o snr. Antonio Dourado.

Publica os seguintes artigos: *Alma, Americanos* (origem dos), *Animalidade, Anthropologia, Antropopitheco*, e *Antiguidade do homem.*

Assigna-se em casa do editor, Passeios da Graça n.º 41—1.º—Porto.

### A saude de Sua Santidade

Constou—certamente inventado pelos jornalistas maçonicos,—que o Summo Pontifice estivera muito doente, chegando alguns jornaes a dizer que estava até moribundo. Raivas represadas, por Sua Santidade ter intervindo na questão religiosa, bem dizendo as congregações.

Está, porém, complemente desmentida essa falsa informação. O Papa Leão XIII está de perfeita saude, tendo assistido ao consistorio em que foram preconisados os novos cardeaes da santa egreja romana. Segundo os telegrammas recebidos, não fez discurso, mas abençoou a enorme multidão de fieis, e foi enthusiasticamente acclamado.

Bemdito seja Deus, que protege a causa dos seus verdadeiros filhos.

### Encyclopedia portugueza illustrada

—Recebemos o fasciculo 111 d'este excellente diccionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos. lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 595 artigos e 12 figuras e abrange as palavras *Choisya* a *Christo.* Entre os artigos mais notaveis citaremos *Cholesterina,* do snr. dr. Alberto d'Aguiar, distincto professor da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Continua a assignar-se este valioso diccionario universal em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.ª. successor, Largo de S. Domingos, 63 1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26.

### Varias noticias

—Realisou-se no dia 21 do corrente (domingo do Bom Pastor), a ceremonia da primeira communhão ás creanças em todos os templos parochiaes d'esta cidade. De tarde houve na Sé Cathedral o sacramento da confirmação, celebrado pelo Exc.mo e Rev.mo bispo de Angola, a pedido do prelado d'esta diocese, pelo facto d'elle estar impedido em Lisboa.

—Falleceu ha dias nas cadeias da Relação, victima d'uma tuberculose pulmonar o preso Elvino Teixeira de Macedo, que tinha sido condemnado na comarca de Celorico de Bastos em 6 annos de prisão cellular, ou na alternativa em 9 de degredo, por fazer parte d'uma quadrilha de malfeitores.

—A requerimento do delegado da 4.ª vara d'esta comarca, o dr. Aderito Alpoim, foi archivado por falta de provas, o celebre processo á cerca do caso Calmon. O *Diario da Tarde* não se pôde conter que não mostrasse o seu despeito, e perguntou porque se não publicavam os respectivos depoimentos, especialmente o do nosso collega o snr. Manuel Fonseca, da *Palavra.* A isso respondeu este senhor, que não deixasse de o requerer, pois lhe dava auctorisação de o publicar, porque d'elle veria que havia dito a verdade, e só a verdade.

—Falleceu em Braga o snr. Francisco José da Silva, viuvo, servo maior da Irmandade de S. Vicente.

—Tambem falleceu nos Arcos de Val de Vez a irmã hospitaleira Soror Symphorosa, que prestou durante 11 annos relevantes serviços no hospital d'aquella villa. Teve um enterro imponente, a que concorreu tudo quanto de mais notavel ali se encontra.

Aos nossos leitores pedimos um Padre Nosso por alma d'aquella indefessa trabalhadora e amiga dos pobres.

—Nos principios d'este mez de maio deve realisar-se em Lisboa a sessão solemne de ambas as camaras do parlamento, para a ceremonia do juramento do principe real, sua alteza serenissima D. Luiz Filippe.

—Foi reconduzido por mais 6 annos o juiz das execuções fiscaes de Lisboa, snr. Miguel Horta e Costa.

—No dia 9 d'este mez vão á praça no Ministerio da Fazenda, e aqui, no governo civil, um predio pertencente ao Dispensario da Rainha D. Amelia, n'esta cidade, outro na praça do Marquez de Pombal, e outro nas escadas do Codeçal, pertencentes á ordem Terceira de S. Francisco. E no dia 14 vão á praça varios foros pertencentes aos extinctos conventos de S. Bento da Ave-Maria d'esta cidade, e de Corpus Christi de Villa Nova de Gaya, impostos em propriedades dos concelhos de Villa do Conde, Villa Nova de Gaya, Gondomar e Maia.

—O snr. ministro da fazenda auctorisou a cobrança da congrua parochial dos concelhos do districto de Vianna do Castello, conforme a proposta do respectivo delegado do thesouro.

—Foi concedida uma licença de 40 dias ao snr. Antonio da Fonseca Sarmento, digno official da armada, e director do Observatorio D. Amelia.

—Consta que o snr. ministro do reino estabelece na proxima reforma de instrucção publica que todos os professores effectivos de desenho nos lyceus sejam providos por concurso, tanto os actuaes, como os que de futuro forem nomeados, ficando com direitos e vencimentos eguaes aos outros professores dos respectivos lyceus.

—Foi preso um birbante qualquer que aggrediu a sua propria mãe, porque ella lhe recusou 500 rs. que o filho lhe pedira para a pandega. Prestou porém fiança no tribunal, que lhe foi arbitrada em 120$000 rs.

Ou não devia a lei conceder fiança para crimes d'estes, ou não devia haver quem se prestasse a ser fiador.

—Andam actualmente em publicação nos jornaes d'esta cidade trez romances d'alto lá com elles. No «Primeiro de Janeiro» anda-se publicando a *Torpêza do jesuita*, devido á pènna do snr. José Agostinho, que, qual outro Padre do mesmo nome que deu brado no campo opposto áquelle em que o mesmo senhor escreve, é d'uma pasmosa fecundidade, não só em partos litterarios, como em primores para rechear os ditos. No «Norte» anda em publicação o «Jesuita» versão do italiano E. Mezzabota (que pelo nome não perca). E no «Jornal de Noticias» apparece nada mais, nada menos que a *Sorôr Dorothéa* que, segundo se lê no mesmo jornal, tem causado *admiração, pasmo* e *enthusiasmo* aos seus respectivos leitores. E' de crer que os nossos leitores nada tenham lido de similhantes baboseiras, com que seus auctores, perfeitamente á vontade, e seu campo predilecto, teem attribuido trapos e farrapos e tudo quanto lhes tem suggerido a imaginação, aos pobres religiosos, bem dignos de melhor sorte. Cream que nada perderam, em não os ler, mesmo porque não são producções que possam entrar em casas onde haja senhoras e creanças. Eis a nossa apreciação.

## Assignante Benemeritos

Os Ex.mos Snrs:

Manuel Francisco—Mais uma assignatura da Ex.ma Snr.a D. Barbora d'Aragão.

Antonio Ferreira d'Almeida—Mandou pagar mil reis, sem brinde.

Jeronymo Theophilo Coelho de Sousa Leão—Idem.

Abbade Manuel Bernardo Pires—Enviou-nos mais um assignante.

D. Maria Rosalia Tavares Proença—Pagou 1$000 reis do anno de 1906.

D. Maria Candida Leitão Menezes Montenegro—Pagou mil reis sem brinde.

Antonio Gonçalves da Cunha—Idem.

Padre Candido Lourenço Pereira de Carvalho—Iden.

## EXPEDIENTE

**A empreza do PROGRESSO CATHOLICO previne todos os seus illustres assignantes, de que as assignaturas são pagas adiantadamente, e por isso pede-lhes, que se dignem pagar até ao dia 15 d'este mez de maio, porque n'esse dia vae fazer saques, pelo correio, a todos os snrs. assignantes em divida. Prevenimos, pelo menos, os que não gostam de saques feitos pelo correio, pois que o unico meio de o evitarem, é mandar pagar a esta administração até o dia acima fixado.**

**Prevenimos tambem que os saques são feitos na importancia total de 850 rs, sendo 800 rs. pela assignatura annual, e 50 rs. despeza que fazemos com cada recibo, enviado para o correio. E d'isto pedimos desculpa a todos os nossos bondosos assignantes.**


## ANNUNCIOS

### José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

### MEDITAÇÕES

PARA

### O MEZ DE MAIO

PELO

*Padre AFFONSO MUZZARELLI*
da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios
com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes
exemplos extrahidos das obras de
SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO
e de outros bons auctores

*Com permissão do Em.mo e Rev.mo Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto*

**QUARTA EDIÇÃO**

**Preço. cart. . . . . 160 reis**
**Broch. . . . . 100 reis**

### Está á venda o primeiro volume

**Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral**

# VIEIRA-PREGADOR

## Estudo philosophico da eloquencia sagrada

**Segundo a vida e as obras**

DO

## GRANDE ORADOR PORTUGUEZ

A obra constará de dois volumes *em 8.º grande*, que comprehenderão ao todo umas 1.000 paginas, nitidamente impressas em excellente papel assetinado *(typo elzivir.)*

O primeiro volume é illustrado com um primoroso retrato de Vieira (phototypia da casa BIEL) expressamente composto para esta obra pelo distincto professor de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes, o Ex.mo Snr. José de Brito.

O numero de exemplares d'esta obra é limitado.

**Preço dos dois volumes:**

Por assignaturas *(paga adiantada)*. . . . . **1$600** réis
Avulsos . . . . . **2$000** réis

Assigna-se e vende-se em casa do editor **José Fructuoso da Fonseca**, rua da Picaria, 74.

Os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia não serão satisfeitos.

# IMITAÇÃO DE CHRISTO

NOVISSIMA EDIÇÃO

*Confrontada com o texto latino e ampliada com algumas notas*

PELO

**P.e MANUEL MARINHO**

Approvada e indulgenciada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. D. ANTONIO Bispo do Porto

Parecer dado pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Conego Dr. Coelho da Silva:

Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo.*

O que é a *Imitação de Christo,* um dos livros mais admiraveis, se não o mais util e admiravel sahido das mãos do homem, não é para aqui dizel-o.

Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.mo Padre Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfeitas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

As notas, que acompanhão os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto, e pena é que se não estendessem a toda a obra.

Porto, 10 d'abril de 1901.

CONEGO COELHO DA SILVA.

**APPROVAÇÃO**

**Em virtude do parecer favoravel, dado pelo Rev. Conego Dr. Coelho da Silva approvamos esta edição da «Imitação de Christo» e concedemos 40 dias d'indulgencias pela leitura de cada capitulo.**

**Porto e Paço Episcopal, 11 de Abril 1901.**

† *ANTONIO, Bispo do Porto.*

**PREÇOS**

| | |
|---|---|
| Em percalina . . . . . | 300 |
| Em carneira com as folhas brunidas a vermelho . . . . . | 400 |
| Em carneira com folhas-douradas . | 500 |
| Em chagrin-douradas . . . . . | 900 |

**Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—rua da Picaria, 74—Porto.**

CONDE DE SAMODÃES

# O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO Á

## Santissima Virgem Mãe de Deus

**Novo manual para os exercicios de devoção n'este mez com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello. Indulgenciado e approvado pelo Em.mo e Rev.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto.**

**Preço 400 reis**

# Flores a S. José

**Meditações para o seu Mez**

OU

**Qualquer tempo do anno**

COM

*Exemplos apropriados, colloquios, etc.*

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Egreja e outros eminentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

*Obra approvada e indulgenciada*

**Preço, enc. . . . 200**

Pedidos ao Editor Catholico José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

# A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

## Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.ª edição francez a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço **600** reis.

## Catecismo de Perseverança

Está á venda o 8.º volume d'esta importantissima obra, que concluio.

O preço d'este volume é de 1$000 reis brochado, 1$280 reis meia encadernação e 1$360 reis encadernação de carneira.

Pedidos a Antonio Dourado, Passeio da Graça, 41 a 43—Porto, e em todas as livrarias.

## Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

# O LIVRO DE TODOS

POR

*O Abbade J. Berthier, M. S.*

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

**Preço: Broch., 600; enc., 700**

## Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 10 reis.

# As Tres Rosas dos Escolhidos

*Traducção da 2.ª edição franceza*

PELO

**Ex.mo Snr. Conde de Samodães**

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

*Approvada e recommendada pelo Em.mo Sr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto e pelo Ex.mo Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra*

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12, francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem desejar fazer propaganda d'esta importante obra.

LADAINHA

DO

## Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

**Avulsas . . . . . 10 »**

# FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

## SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

*Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de Maio de 1899*

Approvada pelo Ex.mo Snr. Vigario Capitular Coelho da Silva

**Preço em cartão . . . . . 10**

# MEZ DE S. JOSÉ

OU

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

*CARLOS H. PIEPER*

REVISTO POR

*Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire*

*Com permissão do Em.mo Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto*

**2.ª EDIÇÃO**

Augmentada com o **Modo de ouvir a Missa pelos Defunctos.** Brochado **100**; enc., **160** réis.

**Todos estes livros se vendem na Redacção do "Progresso Catholico„ — Rua da Picaria, 74—PORTO.**